

40 cadeados... uma chave mestra

Petrobras usa segredo único para seus contêineres-escritório, revela fonte da PF

Antônio Werneck

Um esquema de segurança obsoleto e amador protegia os computadores com dados sigilosos da Petrobras roubados, em janeiro, de um contêiner-escritório que estava sendo levado de uma plataforma na Baía de Santos até a sede da multinacional Halliburton — responsável pela guarda dos equipamentos —, em Macaé. A informação é de uma fonte da Polícia Federal (PF) que participa das investigações. O policial descobriu, semana passada, que o segredo do cadeado — que mantinha o contêiner fechado — era o mesmo usado nas fechaduras que protegiam outros 40 contêineres-escritórios nas baías de Santos, Campos e Macaé. A informação surgiu durante uma série de depoimentos tomados pela PF de Macaé.

Segundo a fonte, havia ao menos 45 chaves (todas iguais, com o mesmo segredo) capazes de abrir o contêiner espalhadas entre funcionários embarcados nas plataformas da Baía de Santos, em rebocadores e até em terra, no município de Macaé. A medida teria sido adotada pela Halliburton e pela Petrobras com o objetivo de evitar que os contêineres ficassem fechados se alguém esquecesse, por exemplo, de levar a chave do cadeado. A Petrobras não quis comentar o assunto.

— Eles decidiram manter o mesmo cadeado, da marca Papatz, e o mesmo segredo para todos os cadeados de todos os contêineres. É muito amadorismo no trato de informações tão importantes. E espalharam chaves iguais nas plataformas, nos rebocadores e até em terra. Todos tinham cópias — disse o policial federal.

Cadeado do contêiner foi trocado por outro da mesma marca

O furto de quatro notebooks e dois perites de memória com informações de interesse nacional foi descoberto dia 31 de janeiro, quando um funcionário, em poder de uma das chaves, tentou abrir o cadeado do contêiner na Halliburton e não conseguiu. Só então percebeu que o cadeado havia sido trocado e o lacre, desfeito. Imediatamente, o fato foi informado à Petrobras. O contêiner foi aberto e o furto, constatado. A Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais (APCF) informou ontem que a perícia começou no dia 1º deste mês.

— O cadeado era da mesma marca, mas o segredo era outro. Por isso, os funcionários perceberam algo estranho. Quando o contêiner foi aberto, eles encontraram gavetas reviradas, muita bagunça e material de escritório jogado no chão. Apenas no dia seguinte o caso nos foi comunicado pela Petrobras — afirmou o policial federal.

A maior dificuldade é saber exatamente onde o furto aconteceu. O contêiner saiu da Baía de Santos dia 18 de janeiro e chegou ao Rio dia 25. Foi levado à unidade da Petrobras em Macaé por carreta, pela transportadora Transnagno, chegando dia 30. O arrombamento foi descoberto no dia seguinte de manhã.

— Como não sabemos exatamente onde o furto ocorreu, vai ser uma investigação difícil. Praticamente estamos começando esta semana uma investigação mais profunda, já que os primeiros dias foram para ouvir depoimentos e buscar informações da rotina de funcionários e prestadores de serviço da Petrobras — disse.

O trajeto dos equipamentos



Ministros: segurança falha na Halliburton

Governo determina que apenas superintendente da PF falará sobre investigação

Jaílton de Carvalho e Ramona Ordoñez

• BRASÍLIA E RIO. Os ministros da Justiça, Tarso Genro, e do Gabinete de Segurança Institucional, Jorge Félix, apontaram ontem possíveis falhas no esquema de segurança montado pela Halliburton para transportar computadores com dados sigilosos da Petrobras entre a Baía de Santos e Macaé, no Norte Fluminense, no fim do mês passado. Para evitar opiniões desencontradas na imprensa, o governo decidiu que apenas o superintendente da Polícia Federal (PF) no Rio, Valdirino Jacinto Caetano, falará sobre o caso.

Os dois ministros se reuniram ontem de manhã com os diretores da PF, Luiz Fernando Corrêa, subordinado a Tarso, e da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Paulo Lacerda, ligado a Félix, para fazer uma avaliação das investigações. A reunião ocorreu na sede da Abin. "As investigações já estão em andamento e, independentemente da motivação do crime, elas revestem-se de importância, em função da possível fragilidade do sistema de segurança para o transporte de informações reservadas, que o episódio evidenciou", diz nota dos ministros.

A decisão de Tarso e Félix em promover uma reunião com Lacerda e Corrêa na sede da Abin chamou a atenção de policiais e analistas. Para

eles, o simples encontro das autoridades no prédio da Abin é um claro indicativo de que o sumiço dos computadores não se trata de um crime comum. Em geral, a Abin só é acionada em casos de interesse de Estado. Crimes comuns, sem conotação política, são apurados apenas pela PF e a Polícia Civil.

A decisão de que apenas o superintendente da PF no Rio falará sobre o caso foi tomada na reunião. O governo quer evitar choques de

opinões nos jornais entre analistas da Abin e polícias federais sobre o caso.

O presidente da BR, José Eduardo Dutra, disse que, durante sua gestão na presidência da Petrobras (2003 a 2005), ocorreram roubos de equipamentos:

— Roubo de equipamentos da Petrobras, isso tem sempre. Não me lembro de ter havido roubos dessa natureza, mas houve desaparecimento de equipamentos. Sobre este, não tenho elementos para emitir suposição.

Dutra disse não acreditar que o desaparecimento dos equipamentos da Petrobras tenha qualquer ligação com a retirada dos blocos da área de pré-sal situados próximos a Tupi do leilão realizado pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) no fim do ano passado.

Dutra acha natural que o governo discuta a possibilidade de realizar mudanças na Lei do Petróleo em função da descoberta da reserva gigante, que pode ter até oito bilhões de barris:

— Na época em que a lei foi feita, em 1997, o Brasil produzia 600 mil barris por dia e tinha 6 bilhões de barris em reservas. A partir dessa descoberta, muda-se o patamar da indústria de petróleo no Brasil. ■

Carreira agitada

Delegada já combateu tráfico e prostituição

• A delegada federal Carla Dolinski, da Delegacia de Macaé, que comanda a investigação para identificar os autores do furto de dados confidenciais da Petrobras, tem dez anos de Polícia Federal, mas já atuou com destaque em várias delegacias federais da PF no Rio. Ela combateu o tráfico de drogas, o tráfico de armas e a prostituição infantil à frente de investigações nas delegacias de Entorpecentes (DRE), Fazendária, Marítima e de Ordem Política e Social (Dops), atualmente rebatizada de Delegacia Institucional (Delinst).

Há dois anos, buscando tranquilidade, Carla pediu transferência e foi trabalhar em delegacias no Nordeste e no Distrito Federal, mas acabou voltando. Pelo colegas, é considerada capaz de chegar aos autores do furto em pouco tempo.